

Abril / 2020

INTERNACIONAL

Após o impacto inicial da pandemia pelo “coronavírus” ter levado os mercados financeiros mundo afora a fortes desvalorizações nos preços dos ativos durante o mês de março, a racionalidade parece ter retornado na medida em que as autoridades monetárias internacionais anunciavam imensos programas de estímulos visando enfrentar o encolhimento das economias provocadas pelo isolamento social da população devido ao aumento exponencial dos contágios, em especial nos países do Hemisfério Norte. Cada país tem lidado com o problema à sua maneira e possibilidades, decerto que ao final do mês de abril o número de contágios e de óbitos pelo “coronavírus” na Europa e América do Norte, principais epicentros de contágios nos meses de março e abril, já registravam queda nos números de infectados. A partir de agora, a preocupação é com a retomada gradativa e responsável da atividade econômica, de modo a expor minimamente a população a novas ondas de contágio.

A Organização Mundial do Comércio – OMC – reviu as projeções para o comércio global, concluindo que 2020 será o pior ano da história da OMC. Conforme o relatório, no melhor dos cenários, o comércio deve cair este ano 13%, mais do que na esteira da crise financeira de 2008.

Ao final de abril, os EUA lideravam o ranking de contágios, com mais de 1 milhão de casos. Espanha (quase 240 mil), Itália (mais de 205 mil) e Reino Unido (mais de 172 mil) vinham logo atrás como os mais afetados na Europa.

EUROPA

A atividade industrial na zona do euro entrou em colapso nos meses de março e abril. Conforme divulgou a agência IHS Markit, o índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) composto, que engloba o setor industrial e de serviços, despencou para 29,7 pontos em março, ante 51,6 pontos em fevereiro. Em abril, o PMI composto recuou para 13,5 pontos, a mínima histórica desde que o índice começou a ser divulgado, em julho de 1988. Apenas o PMI de serviços do bloco, o mais sacrificado com o isolamento social da população, recuou de 26,4 pontos em março para a também mínima recorde de 11,7 pontos em abril. A marca de 50 pontos separa crescimento de contração.

Os índices inflacionários acompanharam o drástico recuo das economias. Conforme anunciou a agência Eurostat, o índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) da zona do euro subiu 0,4% na comparação anual de abril, desacelerando frente ao avanço de 0,7% observado em março, conforme dados preliminares. A prévia de abril afasta a inflação anual da zona do euro ainda mais da meta do Banco Central Europeu - BCE, que é de uma taxa ligeiramente inferior a 2%. Apenas o núcleo do CPI do bloco, que exclui os preços de energia e de alimentos, registrou alta anual de 0,9% em abril, maior do que o acréscimo previsto de 0,6%.

A agência de estatísticas Eurostat divulgou que o PIB da região do primeiro trimestre encolheu 3,8%, enquanto no 4º trimestre de 2019 havia expandido 0,1%, com os gastos do consumidor puxando a queda. O desemprego na região subiu para 7,4% em março, com o total de pessoas desempregadas estimado em 12,1 milhões.

Conforme previsão do IFO, instituto de pesquisa econômica sediado em Munique, a economia alemã deve recuar quase 10% no segundo trimestre, enquanto o banco central francês prevê o encolhimento da economia francesa em 6%.

EUA

A atividade nos EUA seguiu ladeira abaixo na medida em que as medidas de distanciamento social levaram a indústria a cortar produção diante do fechamento do comércio. A agência de estatísticas IHS Markit revelou que o índice de gerente de compras (PMI, na sigla em inglês) composto, que engloba os setores industrial e de serviços, registrou 27,4 pontos em abril, ante 40,9 pontos em março, o menor desde que a pesquisa começou a ser feita, em março de 2009. A queda foi puxada pelo PMI de serviços, que recuou para 27,0 pontos em abril, ante 39,8 pontos em março, especialmente para empresas voltadas ao consumidor nas áreas de recreação e viagens.

Corroborando os dados da atividade, o Departamento do Comércio informou que as vendas no varejo de abril recuaram 16,4%, o maior declínio desde que o governo iniciou a série, em 1992, enquanto os economistas consultados pela Reuters previam queda de 12%. Foi o segundo mês consecutivo de queda nos números, e colocam a economia na trajetória para a sua maior recessão desde a Grande Depressão. Os dados de março foram revisados para mostrar recuo de 8,3%, em vez da queda de 8,7% informada anteriormente.

O colapso da economia influenciou na destruição histórica de 20,5 milhões de postos de trabalho em abril, conforme apontou o relatório de emprego conhecido como "payroll". Para se ter uma noção do derretimento atividade norte-americana no mês, na comparação com março foram perdidos 701 mil postos de trabalho. O setor de serviços, o mais afetado pelas medidas de distanciamento social, foi o que mais perdeu vagas, num total de 16 milhões. Com isso, a taxa de desemprego saltou de 4,4% em março para 14,7% em abril, registrando a taxa mais alta desde 1940.

Em cálculo preliminar divulgado pelo Departamento de Comércio, o PIB norte-americano encolheu a uma taxa anualizada de -4,8% no primeiro trimestre de 2020, enquanto no trimestre anterior a economia havia crescido 2,1%. Contribuiu negativamente para o resultado a queda no consumo das famílias, os investimentos privados e as exportações.

Ao final do mês, o Comitê Federal do Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês) do Federal Reserve (FED, o banco central norte-americano) manteve a taxa básica de juros inalterada na faixa entre zero e 0,25% ao ano, e reafirmou seu compromisso de agir com todas as ferramentas disponíveis para apoiar a economia a atravessar a crise provocada pela pandemia.

ÁSIA

Na medida em que a região prepara a retomada da atividade econômica após o pior da crise provocada pela pandemia ter passado, os números da paralisação da atividade por lá mostram o tamanho da crise e o duro caminho da recuperação.

Metade dos mercados para onde a China exporta estão fechados, além de boa parte do PIB depender do setor de serviços, que ainda luta com a tímida reabertura do país.

Os números de abril já mostram sinais de recuperação. O PMI de serviços da China subiu 1,4 pontos em abril. Foi de 43 pontos em março para 44,4 pontos. Ainda assim, a leitura abaixo de 50 indica retração das atividades. Conforme revelou a agência IHS Markit, o resultado ainda reflete o impacto da pandemia e expõe uma demanda

Panorama Econômico

mais fraca, tanto internamente quanto externamente diante da fraca demanda dos países importadores. O PMI composto, que engloba os setores industrial e de serviços, foi de 46,7 pontos em março para 47,6 em abril, também com modesto avanço.

A agência de estatísticas chinesa divulgou que o PIB do primeiro trimestre recuou -6,8% na comparação com o mesmo período do ano passado, a primeira contração em quase 30 anos, e refletindo as perdas da paralisação quando a sociedade estava isolada. Ainda assim, o resultado ficou melhor do que o esperado pelo mercado, que era uma queda de no mínimo -7,5% no período.

Enquanto isso, no Japão, o governo decretou estado de emergência de um mês em sete regiões do país. As medidas restritivas devem atingir quase 50 milhões de pessoas, o equivalente a 44% da população japonesa. Concomitantemente, o governo japonês anunciou um pacote de ajuda que inclui gastos fiscais, repasses a famílias e financiamento de pequenas empresas no valor de 108 trilhões de ienes, o equivalente a quase US\$ 1 trilhão.

O banco central nipônico (BoJ, na sigla em inglês), além de cortar suas previsões de crescimento da economia japonesa para algo entre -3,0% e -5% neste ano, informou que comprará títulos do governo sem limite máximo, além de dobrar sua capacidade em comprar bônus corporativos e títulos comerciais.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, após a redução expressiva do prêmio observada no mês de março, a volatilidade se manteve presente, porém em doses próximas a normalidade. Os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 0,652% ao ano no final março, recuaram 1,6 pontos base no fechamento de abril para o nível em torno de 0,636% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos caiu para 1,214% ao ano em abril, uma queda de 0,9 pontos base em relação ao fechamento de março. Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,427% ao ano em no fechamento de abril, uma alta de 2,6 pontos em relação a março.

Já as bolsas internacionais, o movimento foi de recuperação de parte das perdas observadas no mês de março, diante da maior clareza sobre a retomada do crescimento da economia global. Enquanto a bolsa alemã (Dax) avançou 9,25%, a inglesa (FTSE 100) subiu 4,04%, a do Japão (Nikkei 225) registrou alta de 6,75% e a americana (S&P 500) valorizou 12,68%.

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent para julho/20 registrou uma alta de 11,1% no mês, a US\$ 25,27 o barril, enquanto o WTI recuou -8,0%, cotado a US\$ 18,84 o barril, após a demanda global despencar cerca de 30% em abril, mesmo depois dos grandes produtores de petróleo chegar a acordo para reduzir a oferta global em quase 10 milhões de barris por dia.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do PIB, registrou uma forte retração em março, caindo -5,9% na comparação com o mês anterior, conforme divulgou o Bacen. Os dados refletem o início do período de isolamento social no País, que começou em 23 de março em São Paulo e em 24 de março no Rio de Janeiro, as principais capitais brasileiras. O índice teve queda acumulada de -1,95% no primeiro trimestre na comparação trimestral e queda de -0,28% na base anual.

A taxa de desemprego no Brasil avançou para 12,2% no trimestre encerrado em março, atingindo 12,8 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad Contínua divulgados pelo IBGE. A taxa é ligeiramente superior a registrada no trimestre encerrado em fevereiro, de 11,6%, e é a maior taxa desde o trimestre encerrado em maio de 2019.

A renda média real do trabalhador foi de R\$ 2.398 no trimestre, alta de 0,9% em relação ao número do trimestre encerrado em fevereiro.

Os números já refletem, em alguma medida, os efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho, com o nível de ocupação reduzindo, e a busca dos cidadãos por trabalho caindo em razão das medidas de distanciamento social.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estaduais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 23,655 bilhões em março, o pior para o mês desde 2018. Apesar da meta original para este ano estar fixada em R\$ 124 bilhões, ou 1,6% do PIB, com o aumento de despesas públicas em função da pandemia pelo "coronavírus" o Tesouro Nacional vem afirmando que o déficit primário do setor público consolidado poderá superar os R\$ 600 bilhões em 2020, sendo que R\$ 550 bilhões seriam do governo central.

A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS, voltou a subir em março e totalizou 78,4% do PIB, somando R\$ 5,758 trilhões, conforme divulgou o Bacen. Esse dado representa um aumento de R\$ 147 bilhões em relação a fevereiro, quando a dívida bruta estava em 76,7% do PIB. As estimativas do mercado convergem para uma disparada na dívida pública este ano em função do aumento de gastos com as medidas emergenciais de ajuda aos mais necessitados. É crescente o número de previsões esperando que a dívida ultrapasse o patamar de 90% do PIB, quase o dobro da média dos países emergentes.

INFLAÇÃO

O IBGE divulgou que o IPCA variou -0,31% em abril, registrando a segunda maior deflação mensal pelo IPCA desde o início do Plano Real. No ano, o índice acumula alta de 0,22%, e nos últimos 12 meses, de 2,40%, abaixo

Panorama Econômico

do piso da meta de inflação definido pelo Bacen, de 2,50%. A principal contribuição para a deflação veio dos transportes, que teve queda de preços de -2,66% no mês. A queda foi puxada principalmente pelos combustíveis (-9,59%). A gasolina recuou -9,31%, o etanol, -13,51%, o óleo diesel, -6,09% e o gás veicular, -0,79%. No lado oposto, os alimentos registraram inflação de 1,79% e evitaram uma queda maior do índice.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a variação da cesta de consumo de famílias com renda de até cinco salários mínimos e chefiadas por assalariados, registrou deflação de -0,23% em abril, após registrar alta de 0,18% em março. Como resultado, o índice acumulou uma elevação de 0,31% no ano e 2,46% em doze meses.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de abril com alta de 4,69%, cotado a R\$ 5,438 na venda, em meio à deterioração das contas públicas devido ao elevado custo social produzido pela pandemia do “coronavírus”, e os temores dos impactos da paralisação das atividades na economia por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou 35,51%.

Em março, as transações correntes apresentaram superávit de US\$ 0,868 bilhões em termos nominais, o primeiro número positivo desde junho de 2017. Com o resultado de março, o déficit em 12 meses passou a 2,80% do PIB. O resultado é reflexo da queda na remessa de lucros e dividendos, que somou apenas US\$ 809 milhões, uma queda de 72,8% sobre um ano antes em meio a um câmbio mais depreciado.

Conforme divulgou o Ministério da Economia, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 6,702 em abril, o segundo maior da série histórica para o mesmo mês, em razão da queda das importações decorrentes da diminuição das atividades manufatureiras. Com o resultado, a balança comercial acumula superávit de US\$ 13,239 bilhões neste ano. As exportações recuaram para US\$ 18,318 bilhões, enquanto as importações somaram US\$ 11,611, uma queda de 20% frente ao mês anterior.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de abril acabou sendo os pós-fixados atrelados a inflação. Enquanto o IMA-B 5, que reflete a variação dos títulos pós-fixados com prazos intermediários, valorizou 2,01%, o IDkA IPCA 20A, mais longos, atingiram valorização de 1,77%. Já o IMA-B Total encerrou o mês com alta de 1,31%. Dos ativos atrelados a taxas pré-fixadas, o melhor desempenho foi do IRF-M 1+, que valorizou 1,50%. Já o CDI variou 0,28% no período.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o mês foi de recuperação parcial das perdas observadas no mês de março, com os investidores revisando o cenário negativo exagerado e saindo às compras em buscas de “pechinchas”, de olho na reabertura das economias mundo afora. Pesou também para o otimismo as ações coordenadas das autoridades monetárias das principais economias do planeta para socorrer o mercado de forma ampla. Ao final do mês de abril, o

Ibovespa avançou 10,25%, reduzindo a desvalorização no ano para -30,39%. O índice encerrou o mês aos 80.506 pontos.

PERSPECTIVAS

O mês de abril marcou a retomada do apetite ao risco por parte dos investidores globais, muito em função da evolução positiva do número de casos de infecções pelo “coronavírus” e anúncios de reabertura parcial de algumas economias, especialmente na Europa. Enquanto isso, nos EUA a queda no número de casos demorou a acontecer, mas ao menos houve uma contenção na progressão do número de casos diários.

Os estímulos monetários e fiscais anunciados pelas autoridades das principais economias do planeta devem permanecer pelo tempo necessário para tranquilizar os mercados e dar suporte à retomada da atividade econômica. Apesar de ser difícil antecipar o tempo dessa recuperação, enquanto não se tem certeza se a reabertura das economias não se torne motivadora de novas ondas de contágio.

Enquanto isso, no Brasil, o número de pessoas contaminadas só faz crescer. As medidas de restrição social implementadas por estados e municípios não parecem ser suficientes para conter o contágio e achatar a curva de crescimento. A falta de um planejamento coordenado a nível nacional motivam os embates entre governadores e o Planalto. No auge da crise sanitária, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, acabou sendo demitido pelo presidente Jair Bolsonaro por discordar sobre o uso do medicamento cloroquina e medidas de isolamento social defendidos pelo presidente. Em seu lugar tomou posse o médico oncologista Nelson Teich, que porém não suportou um mês no cargo e pediu demissão. Diante do aumento exponencial do número de casos e do colapso do sistema de saúde em algumas capitais da região norte, como Manaus (MA) e Belém (PA), o então ministro entrou em choque com as ideias do presidente, que defende abertamente o afrouxamento do isolamento social e o uso do medicamento cloroquina.

Não bastasse esse imbróglio, o anúncio do pedido de demissão de outro ministro, desta vez o da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, abriu outra crise institucional em meio aos embates já estabelecidos entre o Planalto e o Congresso.

Ainda assim, o Brasil segue em frente ancorado na crença de que o ministro da Economia, Paulo Guedes, conduza a política econômica sem interferências. Entretanto, o alívio verificado para alguns segmentos do mercado no mês de abril nem de longe pode sinalizar uma antecipação de recuperação consistente. Ao passo que o principal índice da bolsa subiu 10,25% em abril, e os movimentos dos juros futuros foram suavizados, por outro lado o risco Brasil, medido pelo CDS de 5 anos atingiu 332 pontos, o maior em 4 anos, e ajudou a contaminar o câmbio, que encerrou o mês com o dólar cotado a R\$ 5,438 e acumula valorização no ano de 35,51%.